

A caracterização de John B. Watson como behaviorista metodológico na literatura brasileira: possíveis fontes de controle

Bruno Angelo Strapasson
Universidade Positivo

Resumo

Vincular o nome de John B. Watson ao Behaviorismo Metodológico e ao dualismo tem sido uma prática frequente e indiscriminada na literatura brasileira de psicologia. Este trabalho pretende identificar possíveis fontes de controle para essa vinculação. Constatou-se que a disseminação da ideia de que Watson é dualista ou behaviorista metodológico pode estar relacionada (A) à relutância de Watson em definir seus compromissos ontológicos em seus primeiros textos, (B) ao estilo de escrita de B. F. Skinner que critica o Behaviorismo Metodológico sem explicitar quem seriam os behavioristas metodológicos e (C) à influência do texto de Matos (1997a). Sugere-se que um retorno aos textos originais de Watson é necessário para a adequada caracterização de sua obra e compreensão da história do movimento behaviorista.

Palavras-chave: John B. Watson; behaviorismo metodológico; influência intelectual.

Abstract

The characterization of John B. Watson as a methodological behaviorist in Brazilian literature: Possible control sources. Linking the name of John B. Watson to Methodological Behaviorism or to dualism has been a common and indiscriminate practice in the Brazilian literature of psychology. This paper aims to identify possible sources of control for this binding. It was found that the spread of the idea of Watson being a dualistic or a methodological behaviorist may be related to (A) Watson's reluctance to define his ontological commitments in his early writings, (B) the writing style of B. F. Skinner, who criticized the Methodological Behaviorism without specifying who are the methodological behaviorists, and (C) the influence of Matos' (1997a) text. It is suggested that a return to the original texts of Watson is necessary for the proper characterization of his work and an understanding of the history of the behaviorist movement.

Keywords: John B. Watson; methodological behaviorism; intellectual influence.

John Broadus Watson foi uma figura importante na história da psicologia como um todo e teve especial importância na história do behaviorismo. Descrito por um dos seus biógrafos como tendo “provavelmente influenciado a psicologia [norte americana] tanto quanto, ou mesmo mais, que Freud” (Cohen, 1979, p.1), Watson é frequentemente referenciado como o fundador do movimento behaviorista, grande defensor da psicologia como ciência natural e da necessidade de a psicologia se tornar uma disciplina aplicada. Apesar de sua grande importância histórica (ver Korn, Davis, & Davis, 1991), as caracterizações da obra de Watson têm apresentado inúmeras incorreções (Todd, 1994, Strapasson & Carrara, 2008). O presente texto pretende explorar possíveis causas de uma dessas incorreções presente especialmente na literatura brasileira, a saber, a caracterização do behaviorismo watsoniano como Behaviorismo Metodológico.

A denominação mais comum para o behaviorismo de Watson na história do behaviorismo é “Behaviorismo Clássico”. Entretanto, no Brasil, Watson tem sido frequentemente indicado como o proponente de uma forma de behaviorismo

conhecida como “Behaviorismo Metodológico”. Como a maioria das classificações de teorias em psicologia, a expressão “Behaviorismo Metodológico” (doravante BM) tem sido usada para designar diferentes conjuntos de características (ver Strapasson & Carrara, 2008). Originalmente, BM foi uma denominação usada para indicar teorias que pudessem ser representadas pela seguinte afirmação: “fatos da experiência consciente existem, mas não servem a nenhuma forma de tratamento científico” (Lashley, 1923, p. 238)¹. A compreensão de BM utilizada na literatura brasileira é coerente com essa concepção (e.g. Matos, 1997a) e pode ser caracterizada por duas asserções, a saber: (1) a mente, enquanto substância imaterial existe (2), mas a observação direta do comportamento é o único método seguro para se produzir conhecimento científico em psicologia. A primeira afirmação tem um caráter ontológico na medida em que supõe qual é a natureza da mente. A segunda tem caráter epistemológico na medida em que versa sobre o modo mais seguro de se conhecer o objeto de estudo. Em conjunto, as afirmações 1 e 2 levam à conclusão de que a mente, enquanto matéria inobservável, não deve ser objeto de estudo da ciência

psicológica e esta, por razões metodológicas, deve se restringir ao comportamento observável.

Vincular Watson ao BM implica, nesse contexto, supor que ele adotava em seu próprio projeto científico as afirmações descritas. Nesse sentido, Watson, por ser um behaviorista metodológico, concordaria com a existência de uma mente imaterial que seria inacessível aos métodos científicos. Entretanto, ainda que Watson concorde com o argumento epistemológico de se manter a análise científica somente sobre aquilo que pode ser publicamente observado (afirmação 2), uma análise cuidadosa de seus textos demonstra que ele não admitia a defesa do dualismo inerente à afirmação 1. Não cabe aqui discorrer longamente sobre porque Watson não pode ser considerado um behaviorista metodológico no sentido em que essa classificação implica um dualismo mente-corpo - sugere-se ao leitor interessado recorrer ao texto de Strapasson e Carrara (2008). Referências a duas citações de Watson parecem suficientes para fortalecer à interpretação defendida:

Eu não posso... concordar com o Sr. Thompson que existe um problema mente-corpo no Behaviorismo. É uma séria falta de compreensão da posição behaviorista dizer, como o Sr.

Thompson diz – “E é claro que o behaviorista não nega que estados mentais existem. Ele meramente prefere ignorá-los”. Ele os ‘ignora’, no mesmo sentido que a química ignora a alquimia, a astronomia o horóscopo, e a psicologia a telepatia e manifestações psíquicas. O behaviorista não se interessa por eles porque, na medida em que a correnteza de sua ciência se amplia e aprofunda, esses antigos conceitos são sugados por ela, para nunca mais reaparecerem. (Watson, 1920, p. 94)²

Em outro texto, Watson coloca sua posição de modo mais sintético: “Toda a psicologia exceto o behaviorismo é dualista” (1924/1925, p.04)³.

A despeito de que indicar Watson como um dualista (o que pode ser tanto consequência como condição necessária para sua vinculação ao BM) seja do nosso ponto de vista incorrer em erro, muitos autores nacionais têm adotado justamente essa prática. A Tabela 1 indica alguns textos que vinculam ou afastam Watson de um compromisso com o dualismo. Quando comparada com a Tabela 2 que ilustra a mesma divisão para autores de outros países⁴, percebe-se que a caracterização de Watson como behaviorista metodológico é um fenômeno caracteristicamente nacional.

Tabela 1
Indicação de autores nacionais que vinculam e que afastam Watson do dualismo

Textos nacionais que citam Watson	
Aproximam Watson do dualismo	Afastam Watson do dualismo
Matos, 1997a e 1997b	Lopes, 2003, 2005, 2008
Fruoso, 2002*	Strapasson & Carrara, 2008
Guimarães, 2003	-
Ribeiro, 2003	-
Dutra, 2004	-
Rubio, 2004	-
Cruz, 2006*	-
Samelo & Guedes 2007*	-
Silva, 2007	-

Nota: O símbolo * indica que esses autores vinculam Watson ao BM sem mencionar qualquer implicação desse rótulo em relação a compromissos ontológicos com o dualismo.

Classificar ou não Watson como behaviorista metodológico é, em última instância, comportamento verbal de autores behavioristas. Enquanto comportamento verbal ele está sujeito à multideterminação característica dessa forma de comportamento (Skinner, 1957). Ao indicar a escrita dos autores nacionais como comportamento verbal, assume-se implicitamente que, em tese, as variáveis responsáveis pelo comportamento desses autores podem ser rastreadas. O presente trabalho pretende, por meio de uma análise bibliográfica das referências a Watson na literatura nacional, investigar possíveis variáveis que tenham exercido controle sobre o comportamento verbal de autores brasileiros de vincular John B. Watson ao BM e ao dualismo.

Método

Foi realizada busca bibliográfica nos periódicos nacionais de Análise do Comportamento a fim de encontrar textos que faziam referência a Watson. A Tabela 3 indica os periódicos e bases de dados utilizados como fonte e os critérios de busca em cada caso. A base de dados BVS-Psi congrega os principais indexadores nacionais em psicologia que disponibilizam textos completos (SciELO, Pepsic, Index Psi TCCs, Portal Revistas USP, RedALYC e Dicionário Biográfico de psicologia no Brasil), os demais jornais foram selecionados por serem reconhecidos como publicações que privilegiam artigos com embasamento

Tabela 2
Indicação de autores internacionais que vinculam e que afastam Watson do dualismo

Textos internacionais que citam Watson	
Aproximam Watson do dualismo	Afastam Watson do dualismo
Chiesa, 1994	Lashley, 1923
-	Keller & Shoenfeld, 1950
-	Bergman, 1956
-	Marx & Hillix, 1976
-	Harzen & Miles, 1978
-	Natsoulas, 1984
-	Skinner, 1984b
-	Zuriff, 1985
-	Schneider & Morris, 1987
-	Buckley, 1989, 1994
-	Logue, 1994
-	Machado & Silva, 1995
-	Ribes, 1995

na Análise do Comportamento e por não estarem (completa ou parcialmente) disponíveis nos indexadores consultados. Na Tabela 3 a indicação “referências” significa que as listas de referências dos textos foram verificadas para detectar se havia referência a algum texto de Watson e a existência de algum texto do autor na lista foi critério para seleção do texto, as demais indicações são auto evidentes. Todos os textos encontrados foram lidos e analisados quanto à afirmação de Watson como representante do BM ou defensor de alguma espécie de dualismo. Os textos foram classificados de acordo com sua posição sobre o assunto. No que diz respeito ao BM os textos foram classificados como textos que afirmam ser Watson um defensor do BM, textos que afastavam Watson do BM ou textos que não se pronunciavam sobre Watson ser um behaviorista metodológico; o mesmo tipo de categoria foi utilizado no que diz respeito a Watson estar ou não comprometido com um dualismo mente-corpo.

Resultados e Discussão

Ao empregar o método descrito acima foram encontrados 36 textos. Desses, seis mencionam Watson, mas não fazem referência a quaisquer aspectos de sua teoria. Dos 30 textos restantes, 11 indicavam que Watson seria um representante (por vezes foi indicado até como o proponente) do BM e destes, sete consideraram Watson um dualista. Dos demais - 19 textos que não vinculavam Watson ao BM - quatro defendiam abertamente que sua vinculação de Watson ao dualismo era inapropriada (Lopes, 2003, 2005, 2008 e Strapasson & Carrara, 2008), e os outros 15 não se pronunciavam sobre ele ser ou não um behaviorista metodológico ou um dualista. Os fatos de

que a maior parte dos textos (sete de 11) que indicam Watson como um behaviorista metodológico, também o consideram um dualista, e de que nenhum dos textos que afasta Watson do dualismo o considera um behaviorista metodológico, além dos textos que consideram Watson um dualista e um behaviorista metodológico, fortalece a interpretação inicial de que BM e dualismo mente-corpo são usualmente vistos como sinônimos na literatura brasileira.

A análise bibliográfica dos textos analisados sugere ao menos três possíveis fontes de controle para a vinculação de Watson ao BM, classificadas aqui sob as seguintes denominações: (A) a relutância de Watson em definir seus compromissos filosóficos em seus textos mais conhecidos, (B) o estilo de escrita de B. F. Skinner e (C) a influência do texto “O behaviorismo metodológico e suas relações com o behaviorismo radical” (Matos, 1997a). Cada uma dessas possíveis fontes de controle será comentada adiante.

Relutância de Watson em definir seus compromissos filosóficos

Watson foi, durante o início de sua carreira acadêmica, avesso à discussão sobre temas que chamava de “metafísicos”. Comentando sobre sua formação em filosofia em Chicago Watson diz: “no lado da filosofia o progresso foi mais lento.... Deus sabe que estudei filosofia o suficiente para saber algo sobre ela. Mas isso não se manteve. Eu passei nos exames, mas a inspiração não estava lá” (Watson, 1936, p. 274)⁵. Em 1920, ele explicita mais claramente seu desdém para com a metafísica:

O behaviorista gostaria de fixar a premissa, sem discutir suas muitas implicações metafísicas... O behaviorista... desvia seu

olhar... da premissa metafísica e pede apenas para que o permitam fazer observações sobre o que seu sujeito está fazendo sob dadas condições de estimulação. No lado metafísico ele pede apenas para ser colocado no mesmo cesto dos outros cientistas naturais. (Watson, 1920, pp. 93-94)⁶

Essa relutância acaba sendo expressa em seu mais conhecido texto quando Watson não define claramente seus compromissos ontológicos. No chamado “manifesto behaviorista” diz Watson:

Seria então deixado para a psicologia um mundo puramente físico, para usar o termo de Yerkes? *Eu confesso que não sei.* Os planos aos quais sou mais favorável para a psicologia levam praticamente a ignorar a consciência no sentido em que o termo é utilizado pelos psicólogos hoje. Eu tenho virtualmente negado que esse campo da física é aberto à investigação experimental. Eu não quero ir além nesse problema no presente porque ele leva inevitavelmente para dentro da metafísica. (1913, p. 175, grifo acrescentado)⁷

Um leitor que tenha acesso apenas a essa obra pode, especialmente se for influenciado por outros, concluir que Watson admite a existência de uma substância mental. Entretanto, em uma republicação do mesmo texto no ano seguinte (Watson, 1914) Watson suprime a frase grifada sugerindo que uma interpretação dualista deve ser evitada. Mais adiante no texto de 1913, Watson alerta para o fato de que sua posição não estava completa naquele momento e que o “manifesto behaviorista” deveria ser lido com ressalvas:

Certamente a posição que eu advogo é fraca o suficiente no presente e pode ser atacada por vários pontos de partida. Ainda quando tudo isso é admitido eu continuo a sentir que essa consideração a qual eu tenho incitado deve ter grande influência sobre o tipo de psicologia que será desenvolvida no futuro. (Watson, 1913, p. 175)⁸

Como vimos anteriormente, em momentos posteriores de sua carreira Watson assume claramente uma posição monista e, um leitor conhecedor desse fato provavelmente interpretaria a citação “eu confesso que não sei” (p. 175) do artigo de 1913 como uma suspensão de juízo sobre a ontologia mais do que como uma abertura para uma ontologia dualista. Por outro lado, interpretar a citação como uma suspensão de juízo não parece ser a alternativa mais provável no caso de desconhecimento dos demais textos de Watson. A análise bibliométrica realizada indica que dos 11 textos que classificavam Watson como metodológico 10 citam apenas o “manifesto” ou não citam nenhum dos textos de Watson, a exceção neste caso é o texto de Matos (1997a). Por outro lado, dos 15 textos que não classificam Watson como behaviorista metodológico apenas dois (Tourinho, 1997; Lopes, 2007)⁹ citam somente o “manifesto”.

Tanto se considerarmos que o “manifesto behaviorista” é o texto mais conhecido e referenciado de Watson, sendo, portanto, provável de exercer maior influência sobre seus leitores que os demais textos, quanto se considerarmos que não citar outros textos de Watson pode representar o desconhecimento (ou ao menos uma baixa probabilidade de ficar sob controle) das demais obras do autor, pode-se supor que a relutância de Watson em assumir seus compromissos filosóficos no início de sua carreira pode constituir condição importante para sua vinculação ao BM

por autores brasileiros.

Estilo de escrita de B.F. Skinner

Outro evento que pode ter constituído condição que exerceu controle sobre os autores brasileiros é o estilo de escrita de Skinner. Skinner é frequentemente indicado como o fundador do Behaviorismo Radical e da ciência que se baseia nessa filosofia, a Análise do Comportamento. Ainda que seja discutível atribuir a uma única pessoa a formação de toda uma ciência do comportamento, pode-se dizer, sem receio de cometer erros, que Skinner é o autor mais influente no movimento behaviorista contemporâneo, especialmente no Brasil. Desse modo, indicações de Skinner que sugeriram uma ligação entre Watson e o BM poderiam facilmente ser fontes de controle para o comportamento de brasileiros de relacionar Watson ao BM. Entretanto, Skinner nunca classificou Watson como um behaviorista metodológico ou sugeriu que ele fosse dualista, na verdade ele escreveu justamente o contrário: “foram Stevens e Boring, e não Watson..., que continuaram a acreditar na existência da vida mental”. (Skinner, 1984b, p. 579)¹⁰.

Desse modo, aparentemente não haveria motivos para supor que Skinner seja uma influência quando se trata de vincular Watson ao BM. Todavia, a afirmação de Skinner contrária à vinculação *em questão é pouco citada* e seu estilo de escrita, especialmente em seus textos mais conhecidos, pode sugerir que Skinner tenha uma compreensão diversa.

Quando indicamos o estilo de escrita de Skinner como uma possível fonte de controle que leva ao erro no julgamento da obra de Watson, nos referimos especificamente ao fato de que Skinner poucas vezes identifica seus interlocutores nomeando-os explicitamente ou por meio de referências. Skinner parece optar por fazer críticas a movimentos teóricos, a conjuntos de argumentos, em detrimento de críticas a autores específicos - ele parece evitar nominar seus interlocutores. Por um lado, essa estratégia pode ser saudável em ciência, pois evita que as críticas teóricas sejam tomadas como críticas pessoais. Entretanto, ao não indicar seus interlocutores, Skinner dificulta a análise de sua obra: torna-se mais difícil identificar quem foram suas influências intelectuais ou mesmo a quem se dirigem suas críticas. Esse último parece ser o caso da vinculação de Watson ao BM.

Skinner descreve o que ele entende sobre BM em pelo menos três textos (1945/1984a, 1971/2002, 1974). Em 1945 Skinner define o BM como uma concepção em que:

O mundo é dividido em eventos públicos e privados; e a psicologia, para atender os requisitos da ciência, deve se confinar ao primeiro. Essa nunca foi uma boa forma de behaviorismo, mas era uma posição fácil de expor e defender e que se tornou recorrente para os próprios behavioristas” (Skinner, 1945/1984a, p. 552)¹¹.

Em *Beyond Freedom and Dignity* (1971/2002) o autor deixa mais explícita a compreensão de que o BM implica dualismo:

“Behaviorismo metodológico” limita-se àquilo que pode ser publicamente observado; processos mentais podem até existir, mas eles são deixados de fora da ciência por sua natureza. Os “behavioristas” num sentido político e muitos positivistas lógicos na filosofia têm seguido uma linha similar. (p. 190,

grifo acrescentado)¹²

Como se pode perceber, não há referências nesses textos a possíveis representantes do BM deixando o leitor livre para supor a figura mais adequada para ocupar esse lugar. Se considerarmos que Watson é o behaviorista antecessor de Skinner mais conhecido na história da psicologia, é possível supor que ele se torna um forte candidato para a posição de behaviorista metodológico. Em *About Behaviorism* (1974), o livro em que Skinner diz tentar estabelecer a filosofia de sua ciência, encontra-se uma ordem específica na disposição dos argumentos que pode servir de subsídio para a conclusão de que Skinner considerava Watson um behaviorista metodológico. Nesse livro Skinner descreve a proposta de Watson da seguinte forma:

O primeiro behaviorista explícito foi John B. Watson, que em 1913 lançou uma espécie de manifesto chamado *A Psicologia Como o Behaviorista a Vê*. Como o título mostra, ele não estava propondo uma nova ciência ao argumentar que a psicologia deveria ser redefinida como o estudo do comportamento. Isso pode ter sido um erro estratégico. A maioria dos psicólogos da época acreditava que estavam estudando processos mentais no mundo mental da consciência e eles não estavam inclinados a concordar com Watson. (p. 3, itálico do original)¹³

Em seguida, Skinner comenta sobre a escassez de dados sobre a qual Watson construiu sua teoria e sobre algumas de suas limitações. Com efeito, após quatro páginas da introdução comentando Watson, Skinner inicia um capítulo em que critica formas de psicologia anteriores à sua (nessa exposição o BM é sugerido como um sucessor cronológico do estruturalismo) sem mencionar quem seriam os proponentes dessas teorias. Para um leitor que não conhece os interlocutores aos quais Skinner dirige suas críticas, é fácil supor, por exemplo, que o trecho “a maioria dos behavioristas metodológicos mantiveram a existência de eventos mentais enquanto os excluíam de consideração” (Skinner, 1974, p. 13)¹⁴ se refere a Watson.

Ao se analisar os trechos mencionados da obra de Skinner (1945/1984a, 1971/2002, 1974) pode-se perceber que o modo como Skinner escreve dá margem para se supor que Watson seria um behaviorista metodológico. De acordo com essa interpretação, é interessante notar que na avaliação bibliográfica deste trabalho, dos 11 textos que classificavam Watson como metodológico, seis citam a obra de Skinner de 1974, três citam Skinner na versão original do texto de 1945, um cita o livro de 1971 e nenhum cita a obra de 1984b (ainda que Matos 1997a, 1997b e Silva, 2007 citem Skinner, 1945/1984a em sua versão reeditada). Sabendo que os autores que vinculam Watson ao BM fazem referência apenas a textos em que Skinner não identifica quem seria behaviorista metodológico (e eventualmente até permitem o entendimento de que seria Watson o representante desse movimento) e que nenhum deles faz referência ao texto em que Skinner nega a Watson o compromisso com o dualismo, parece razoável supor que a vinculação de Watson ao BM pode se dar, quando influenciada pela leitura de Skinner, devido ao estilo de escrita do autor.

A influência do texto “O behaviorismo metodológico e suas relações com o behaviorismo radical”

Uma terceira fonte de controle, talvez a mais representativa dela, parece ser o texto de Maria Amélia Matos (1997a). Nesse texto, Matos tenta delimitar o BM a partir de suas relações com o Positivismo Lógico e com o Behaviorismo Radical. Contudo, em outro texto, a autora trata o BM e a obra de Watson como sinônimos (Matos, 1997a) e indica explicitamente que interpreta Watson como dualista: “Watson não rejeita a consciência. A meu ver, Watson era essencialmente um dualista, por isso rejeita a introspecção como método”. (1997b, p.189).

Maria Amélia Matos foi uma figura de grande prestígio na psicologia e especialmente na Análise do Comportamento constituindo, assim, grande influência na comunidade brasileira de analistas do comportamento:

Em Análise do Comportamento, particularmente, Maria Amélia revelou a sua liderança ao longo de uma carreira em que se consolidou como uma indiscutível referência como pesquisadora que deixa um expressivo volume de publicações de impacto. Formou mais de 30 mestres e 30 doutores que hoje atuam em diversos centros de ensino e pesquisa do país. Deixou relevantes contribuições em aspectos teóricos e conceituais do Behaviorismo. (Tomanari, 2005, p. 226)

Dada a posição central que Matos ocupou na Análise do Comportamento brasileira (ver Debert, 2010) não é de se estranhar que seus textos possam constituir fortes fontes de controle para os analistas do comportamento no Brasil. O texto de 1997a já mencionado parece constituir uma dessas importantes fontes. Dos 11 textos que vinculam Watson ao BM, nove fazem referência a Matos (1997a), as exceções sendo o próprio texto (Matos, 1997a) e outro texto da mesma autora, que foi publicado no mesmo volume da mesma coleção (Matos, 1997b).

As razões que levaram a autora a vincular Watson ao BM, entretanto, estão fora do alcance da metodologia empregada nesta revisão. Diferente dos demais textos, em Matos (1997a) há referências a um texto de Watson diferente do “manifesto” (Watson, 1924/1925) e a textos de Skinner presentes na edição especial da *Behavior and Brain Sciences* que reeditou textos de Skinner e que inclui Skinner (1984b)¹⁵. Além disso, os orientadores de mestrado e doutorado de Matos parecem discordar já em época anterior à formação da autora, da concepção de que Watson seria dualista:

[Watson] argumentava que os eventos mentais internos não têm existência observável independente, mas que temos somente as palavras do sujeito como dados, e que não existe razão necessária para erigir uma psicologia humana supondo a presença de uma *psyche* interna controlando (Keller & Schoenfeld, 1950/1973, p. 395; ver também Keller, 1994)

Considerações finais

Respeitados os limites impostos a quaisquer generalizações que podem depreender na análise aqui desenvolvida, dado o conjunto específico de fontes de dados utilizada, pode-se argumentar que, tomadas em conjunto, as três condições apontadas como possíveis controles aos quais os autores brasileiros estavam submetidos sugerem que Watson tem sido

conhecido mais por meio de comentadores (Matos e Skinner) que pela leitura de sua própria obra (com exceção do “manifesto”). Se esse for o caso, a vinculação de Watson ao BM configura mais um caso em que priorizar fontes secundárias (textos de comentadores – neste caso comentadores de grande autoridade) em detrimento de fontes primárias (textos do próprio Watson) leva a incorreções teóricas. Segundo Skinner (1957, p. 425), “quando novos comportamentos verbais são construídos, eles precisam frequentemente ser ‘confirmados’¹⁶. No caso do comportamento de classificar teorias psicológicas um tipo de “confirmação” de suas proposições é a referência direta à obra do autor comentado, e, considerando os dados obtidos nesta revisão, sugere-se que um retorno à obra de Watson seria um movimento importante na literatura brasileira de análise do comportamento.

Uma última consideração se faz necessária. O presente texto discuti os problemas em se classificar Watson como behaviorista metodológico a partir da concepção de que o BM implica em um dualismo mente-corpo, o que parece ser a compreensão mais disseminada na literatura brasileira. Entretanto, é possível conceber outros sentidos para a expressão BM. Nesse caso, indicar que Watson é um behaviorista metodológico sem sugerir, com isso, que ele é um dualista, não configura necessariamente uma incorreção. Essa possibilidade é apresentada, por exemplo, em Bergman (1956) e Natsoulas (1984). Ao leitor interessado nessa diferenciação sugere-se consultar Strapasson & Carrara (2008).

Referências

- Bergman, G. (1956). The contribution of John B. Watson. *Psychological Review*, 63, 265-276.
- Buckley, K. W. (1989). *Mechanical man: John Broadus Watson and the beginnings of behaviorism*. New York: Guilford Press.
- Buckley, K. W. (1994). Misbehaviorism: The case of John B. Watson's dismissal from John Hopkins University In J. T. Todd & E.K. Morris (Orgs.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism*. (pp. 19-29) Westport: Greenwood Press.
- Chiesa, M. (1994). *Radical Behaviorism: The philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Cohen, D. J. B. (1979). *Watson: The founder of behaviorism*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8, 161-178.
- Debert, P. (Ed.). (2010). Dossiê Maria Amélia Matos [Edição especial]. *Psicologia USP*, 21(2).
- Dutra, L. H. A. (2004). Behaviorismo, operacionismo e a ciência do comportamento. *Philosophos*, 9, 179-206.
- Guimarães, R. P. (2003). Deixando o preconceito de lado e entendendo o behaviorismo radical. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23, 60-67.
- Harzen, P. & Miles, T. R. (1978). *Conceptual issues in operant psychology*. Chichester: Wiley.
- Keller, F.S. (1994). A debt acknowledged. In .T. Todd & E.K. Morris (Orgs.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism*. (pp. 121-124) Westport: Greenwood Press.
- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1973). *Princípios de psicologia: Um texto sistemático na ciência do comportamento* (C. M. Bori & R. Azzì, Trad.). São Paulo: Herder. (Texto original publicado em 1950).
- Korn, J. H.; Davis, R. & Davis, S. F. (1991). Historians' and chairpersons' judgments of eminence among psychologists. *American Psychologist*, 46, 789-792.
- Lashley, K. S. (1923). The behaviorist interpretation of consciousness. *Psychological Review*, 30, 237-272.
- Logue, A. W. (1994). Watson's behaviorist manifesto: Past positive and current negative consequences. In J.T. Todd & E.K. Morris (Orgs.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism* (pp. 109-120). Westport: Greenwood Press.
- Lopes, C. E. (2003). Conceitos disposicionais no Behaviorismo Radical e a mente imanente. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, C. B. de Moura, V. M. da Silva e S. M. Oliane (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 11, pp. 82-88). Santo André: ESETEC.
- Lopes, C. E. (2005). Uma crítica ao papel da teoria de eventos privados no estudo da subjetividade. In H. J. Guilhardi & N.C. Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 15, pp. 126-132). Santo André: ESETEC.
- Lopes, C. E. (2007). O conceito de estímulo no behaviorismo radical: esboço de uma interpretação pragmatista. In W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 20, pp. 96-100). Santo André: ESETEC.
- Lopes, C. E. (2008). Uma matriz de influências como instrumento para a análise da obra de E. C. Tolman. *Psicologia em Estudo*, 2, 14-22.
- Machado, A. & Silva, N. M. (1995). O manifesto de Watson. *Acta Comportamental*, 3, 53-65.
- Matos, M. A. (1997a). O behaviorismo metodológico e suas relações com o behaviorismo radical. In A. R. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 1, pp. 57-69). Santo André: ESETEC.
- Matos, M. A. (1997b). Introspecção: método ou objeto de estudo para a análise do comportamento? In A. R. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 1, pp. 185-195). Santo André: ESETEC.
- Marx, M. H & Hillix, W. A. (1976). *Sistemas e teorias em psicologia*. (A. Cabral, Trad.), São Paulo: Cultrix. (Texto original publicado em 1973)
- Natsoulas, T. (1984). Gustav Bergman's psychophysiological parallelism. *Behaviorism*, 12, 41-69.
- Ribeiro, B. A. (2003). Algumas considerações sobre o fazer científico realizadas a partir da análise dos modelos de ciência propostos por Taylor, Wundt e Watson. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23, 92-97.
- Ribes, E. (1995). John B. Watson: El conductismo y la fundación de una psicología científica. *Acta Comportamental*, 3, 66-78.
- Rubio, A. R. (2004). Behaviorismo radical: uma revisão do conceito de self na obra de B. F. Skinner. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, F.S. Brandão, Y.K. Ingberman, C. B. Moura & S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 13, pp. 13-20). Santo André: ESETEC.
- Samelo, M. J. & Guedes, R. R. (2007). A concepção de psicologia e o conhecimento do professor não behaviorista sobre o Behaviorismo Radical. In R. R. Starling (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 19, pp. 304-308). Santo André: ESETEC.
- Schneider, S. M. & Morris, E. K. (1987). A history of the term Radical Behaviorism: From Watson to Skinner. *The Behavior Analyst*, 10, 27-39.
- Silva, W. C. M. P. (2007). Introdução ao coaching comportamental. In W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 20, pp. 63-75). Santo André: ESETEC.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *About Behaviorism*. Nova Iorque: Knopf.
- Skinner, B. F. (1984a). The operational analysis of psychological terms. *Behavioral and Brain Sciences*, 7, 547-572. (Texto original publicado em 1945)
- Skinner, B. F. (1984b). Coming on terms with private events. *Behavior and Brain Sciences*, 7, 572-579.
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. Indianapolis: Hackett Publishing Company. (Texto original publicado em 1971).

- Strapasson, B. A. & Carrara, K. (2008). John B. Watson, behaviorista metodológico? *Interação em Psicologia*, 12, 1-10.
- Tomanari, G. Y. (2005). Maria Amélia Matos (1939-2005): Generosidade, competência e liderança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 255-256.
- Todd, J. T. (1994). What psychology has to say about John B. Watson: Classical behaviorism in psychology textbooks, 1920-1989. In J.T. Todd & E.K. Morris. (Orgs.), *Modern perspectives on John B. Watson and Classical Behaviorism*. (pp. 75-109) Westport: Greenwood Press.
- Tourinho, E. Z. (1997). Eventos privados em uma ciência do comportamento. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 1, pp. 172-184). Santo André: ESETEC.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as a behaviorist views it. *Psychological Record*, 20, 158-177.
- Watson, J. B. (1914). *Behavior: An introduction to comparative psychology*. Philadelphia: Lippincott.
- Watson, J. B. (1920). Is thinking merely the action of language mechanisms? *British Journal of Psychology*, 11, 87-104.
- Watson, J. B. (1925). *Behaviorism*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. (Texto original publicado em 1924).
- Watson, J. B. (1936). John Broadus Watson. In C. Murchison (Org.), *A history of psychology in autobiography* (pp. 271-281). Worcester: Clark University Press.
- Zuriff, G. E. (1985). *Behaviorism: A conceptual reconstruction*. Nova Iorque: Columbia University Press.

Notas

1. Facts of conscious experience exist but are unsuited to any form of scientific treatment. (Lashley, 1923, p. 238)
2. I cannot ... agree with Mr. Thomson that there is a mind-body problem in behaviourism. It is a serious misunderstanding of the behaviouristic position to say, as Mr. Thomson does - "And of course a behaviourist does not deny that mental states exist. He merely prefers to ignore them." He 'ignores' them in the same sense that chemistry ignores alchemy, astronomy horoscopy, and psychology telepathy and psychic manifestations. The behaviourist does not concern himself with them because as the stream of his science broadens and deepens such older concepts are sucked under, never to reappear. (Watson, 1920, p. 94)
3. All psychology except behaviorism is dualistic. (Watson, 1924/1925, p.04)
4. Ambas as tabelas foram construídas com indicações bibliográficas obtidas assistematicamente.
5. On the philosophy side, progress was slower. ... God knows that I took enough philosophy to know something about it. But it wouldn't take hold. I passed my exams but the spark was not there. (Watson, 1936, p. 274)
6. The behaviourist would like to posit the assumption, without discussing its many metaphysical implications... The behaviourist ... shuts his eyes to the ... metaphysical question and asks only to be allowed to make observations upon what his subjects are doing under given stimulating conditions. On the metaphysical side he asks merely to be put into the same basket with other natural scientists. (Watson, 1920, pp. 93-94)
7. Will there be left over in psychology a world of pure psychics, to use Yerkes' term? I confess I do not know. The plans which I most favor for psychology lead practically to the ignoring of consciousness in the sense that that term is used by psychologists today. I have virtually denied that this realm of psychics is open to experimental investigation. I don't wish to go further into the problem at present because it leads inevitably over into metaphysics. (Watson, 1913, p. 175)
8. Certainly the position I advocate is weak enough at present and can be attacked from many standpoints. Yet when all this is admitted I still feel that the considerations which I have urged should have a wide influence upon the type of psychology which is to be developed in the future. (Watson, 1913, p. 175)
9. Nesses casos, sabe-se que os autores tiveram contato com outras obras de Watson uma vez que em outros artigos de sua autoria, e anteriores às obras indicadas, foram encontradas referências a outros textos de Watson.
10. It was Stevens and Boring, not Watson ... who then continued to believe in the existence of mental life. (Skinner, 1984b, p. 579)
11. The world is divided into public and private events; and psychology, in order to meet the requirements of a science, must confine itself in the former. This was never good behaviorism, but was an easy position to defend and was often resorted to by the behaviorists themselves. (Skinner, 1945/1984a, p. 552)
12. "Methodological Behaviorism" limits itself to what can be publicly observed; mental processes may exist, but they are ruled out of scientific consideration by their nature. The "behavioralists" in political science and many logical positivists in philosophy have followed a similar line. (Skinner, 1971/2002, p. 190)
13. The first explicit behaviorist was John B. Watson, who in 1913 issued a kind of manifesto called Psychology as the behaviorist views it. As the title shows, he was not proposing a new science but arguing that psychology should be redefined as the study of behavior. This may have been a strategic mistake. Most of the psychologists at the time believed they were studying mental processes in a mental world of consciousness and they were not inclined to agree with Watson. (Skinner, 1974, p.3)
14. Most methodological behaviorists granted the existence of mental events while ruling them out of consideration. (Skinner, 1974, p. 13)
15. A referência mais comum nesse caso é a reedição do texto *The operational analysis of psychological terms* (Skinner, 1945/1984a). Todavia, a reedição do *Behavior and Brain Sciences* inclui comentários ao texto e a resposta de Skinner a esses comentários (Skinner, 1984b) e Matos (1997a) não faz referência ao trecho em que Skinner responde aos seus comentadores. Curiosamente, é nessa resposta que Skinner diz que Watson não é dualista.
16. When new verbal behavior has been constructed, it must often be "confirmed." (Skinner, 1957, p. 425)

Bruno Angelo Strapasson, mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista, é doutorando em Psicologia Experimental pela Universidade de São

Paulo, bolsista de doutorado do CNPq (prot. 142638/2010-2) e professor Adjunto da Universidade Positivo. Endereço para correspondência: Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300 - Campo Comprido - Curitiba - PR - CEP - 81280-33. E-mail:brunoastr@gmail.com